



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 8º e 9º anos
- Leitor fluente — 6º e 7º anos

RICARDO AZEVEDO

O chute que a bola levou

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

♦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

♦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

♦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

♦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



RICARDO AZEVEDO

O chute que a bola levou

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador paulista, é autor de mais de cem livros para crianças e jovens, entre eles: *Um homem no sótão*, *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*, *Lúcio vira bicho*, *Trezentos parafusos a menos*, *Armazém do folclore*, *Ninguém sabe o que é um poema* e *A hora do cachorro-louco*. Possui livros publicados na Alemanha, Portugal, México, Holanda e França. Entre outros prêmios, ganhou quatro vezes o Jabuti. É doutor em Letras (USP) e pesquisador na área da cultura popular.

RESENHA

Ela sonhava em ser a estrela principal de uma final de Copa do Mundo. Um bando de homens suados,

usando chuteiras prateadas, correndo num bem cuidado e plano gramado, unicamente em busca dela. Mal se dava conta de que era uma bola entre muitas outras, idênticas, repousando entre as estantes de uma loja de artigos esportivos. Quando poderia imaginar que sua vida seria bem menos glamourosa do que esperava, mas ao mesmo tempo bem mais interessante? Ela seria chutada por jogadores sem camisa em inúmeros terrenos baldios; arremessada ao longe por carros velozes em uma perigosa avenida; por pouco não seria devorada, confundida com um mamão maduro; seria apresentada como relíquia sagrada por um pastor desavergonhado, fundador da Igreja Ronaldiana; se tornaria obra de arte nas mãos de um garoto criativo e desobediente; barriga falsa de grávida nas mãos de uma menina de rua; mote inspirador de uma sequência de repentes

improvisados num boteco de favela; e, entre um acontecimento e outro, se tornaria uma bola filósofa, divagando a respeito dos inesperados lances e reveses do jogo da vida.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Ao remeter ao universo do futebol, Ricardo Azevedo foge do óbvio recriando as divagações de uma bola em meio aos inusitados acontecimentos de sua movimentada existência. Transitando entre o realismo e pequenas pitadas de humor e absurdo, o autor utiliza-se da trajetória de um objeto inanimado de carga simbólica inconfundível para fazer uma metáfora da vida e seus eventos inesperados. A bola-protagonista jamais permanece estática: a cada novo capítulo, ela é arremessada para um novo universo, se depara com uma diversidade de personagens de todos os universos e classes sociais, muito mais complexos do que um grupo de homens uniformizados jogando num campo e permanentemente observados por câmeras televisivas. No meio de todo esse jogo, abre-se espaço inclusive para um lance metalinguístico, em que a bola-personagem se depara com ninguém menos do que o próprio autor, no exato instante em que ele elabora suas primeiras ideias para esse livro.

QUADRO-SÍNTESE

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Temas transversais: ética, pluralidade cultural.

Público-alvo: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. O que esperam encontrar em um livro com um título como esse? Certamente imaginarão que o tema do futebol aparecerá em primeiro plano. Mas qual será o tom da narrativa? Quais os personagens principais? Estimule-os a levantar hipóteses.

2. Proponha que leiam com atenção o sumário da obra e verifiquem se, levando em conta os títulos dos capítulos, suas hipóteses parecem ter sido corroboradas ou se tornaram menos prováveis.

3. Leia com a turma a seção *Autor e obra*, em que o autor fala do jogador Manuel Rezende de Mattos Cabral, mais conhecido como Nelinho, que o inspirou a escrever essa obra. Sugira que a turma realize uma pesquisa a seu respeito, e em seguida retorne ao texto grifando seu vocabulário mais específico (“escanteios”, “linha de fundo”, “gol olímpico”) e escrevendo um pequeno “glossário futebolístico” para “leitores não entendidos no assunto”.

4. As ilustrações das páginas 8 e 9 mostram diferentes bolas empilhadas, de diferentes formatos e tamanhos. Veja se seus alunos reconhecem a que esporte remete cada uma dessas bolas.

5. Proponha que eles realizem uma pequena pesquisa a respeito da história do futebol. Onde ele se estabeleceu tal como o conhecemos hoje? Quais as suas origens mais remotas? Como ele se tornou tão popular no Brasil?

Durante a leitura

1. Instigue os alunos a verificar se algumas das hipóteses construídas se confirmam ou não.

2. Diga aos estudantes que procurem verificar qual a relação que se estabelece entre o título de cada capítulo e os acontecimentos que ele relata.

3. Durante sua movimentada trajetória, a bola-protagonista vai se transformando profundamente, tanto no seu modo de pensar quanto no seu aspecto físico. Solicite que seus alunos tomem nota dessas principais mudanças a cada momento da história.

4. Além de suas mudanças internas e externas, a bola muda exaustivamente de ambiente... Peça que tomem nota também dos cenários em que a história se passa (ex.: loja de artigos esportivos, campo improvisado, grande avenida, quintal, casa de Gabriel, rio poluído, favela etc.).

5. Proponha que tomem nota, por fim, dos termos que o autor utiliza como substitutos da palavra bola: pelota, redonda, balão de couro etc.

6. As ilustrações do livro são feitas pelo artista Marcelo Cipis. Diga à turma que preste atenção a

elas, observando a maneira como a bola aparece retratada em cada uma em diferentes dimensões.

Depois da leitura

♦ nas tramas do texto

1. Ao final do livro, no momento em que a bola se encontra com o escritor (ninguém mais ninguém menos, podemos intuir, do que o próprio Ricardo Azevedo), o narrador menciona que o literato já havia elaborado uma lista de ideias para seu livro sobre futebol, na verdade a biografia de uma bola. Proponha que os alunos, em dupla, revisitem essa lista (p. 106) e verifiquem quais itens foram aproveitados no livro e quais acabaram sendo deixados de lado. Em seguida, peça que escolham uma das ideias não aproveitadas (ex.: a paixão da bola de futebol pela bola de vôlei; o museu do futebol, as bolas do passado e as bolas famosas etc.) e escrevam um novo capítulo contando esse outro episódio da vida dessa mesma bola.

2. O capítulo *Uma jogada para cartão vermelho*, em que um pastor inescrupuloso faz uso da bola para abusar da credulidade das pessoas, seduzindo-as para levá-las à sua Igreja Ronaldiana, foi baseado em um episódio real: a criação da Igreja Maradoniana por dois fanáticos pelo atleta argentino. Peça aos alunos que realizem uma pesquisa sobre esse fato curioso.

3. Embora o futebol profissional tenha regras definidas e bem estabelecidas, o futebol jogado informalmente possui infinitas variedades: jogos com seis, cinco ou até três jogadores em cada time, além do popular “gol a gol”. O fato de serem variações não as impede, porém, de ter algumas regras próprias. Solicite que seus alunos, em pequenos grupos (que devem incluir, é claro, ao menos um apreciador e conhecedor do jogo), façam um levantamento desses formatos informais e escrevam suas regras mais frequentes.

4. No capítulo *Cantoria na favela*, nossa bola-personagem acaba dando a ideia para o mote de um repente: “essa vida é uma bola”. Sugira que seus alunos realizem uma pesquisa sobre essa tradição brasileira de cantoria improvisada, que remete à tradição medieval ibérica dos

trovadores. Em que lugares do Brasil o repente está presente com mais força? Quais são suas estruturas métricas mais tradicionais? Em seguida, proponha que realizem uma “batalha repentina” em grupos: 1. dois grupos chegam a um acordo sobre um mesmo mote, que deve ser uma frase com sete sílabas poéticas; 2. o primeiro grupo tem algum tempo para escrever uma primeira estrofe de oito versos, rimada, provocando o outro grupo e finalizando com o mote; 3. o grupo canta sua estrofe para a outra turma, que tem o mesmo tempo para escrever a resposta e cantá-la; 4. cada grupo tem direito a uma réplica.

5. Se os objetos inanimados falassem, quantas histórias não teriam para contar... Peça que cada membro da classe escolha outro objeto (como um vestido, uma xícara, um sofá, uma mesa, um livro etc.) e escreva, como fez Ricardo Azevedo com a bola, a história de suas existências, contando como foram fabricados, vendidos, comprados, perdidos, dados de presente; os personagens com que cruzaram, os lugares por onde passaram.

♦ nas telas do cinema

O filme *Boleiros*, de Ugo Georgetti, retrata o universo do futebol de maneira sensível e original ao mostrar o cotidiano de um grupo de ex-jogadores de futebol que se reúne, quase todas as tardes, em um bar de São Paulo para falar dos casos acontecidos nos seus tempos de atletas. Suas lembranças são representadas em episódios hilários e comoventes.

DICAS DE LEITURA

► Do mesmo autor

Armazém do folclore. São Paulo: Ática.

Contos de adivinhação. São Paulo: Ática.

Contos de espanto e alumbramento. São Paulo: Scipione.

Outra enciclopédia canina. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Cultura da terra. São Paulo: Moderna.

► Do mesmo gênero

A bola e o goleiro, de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Uma história de futebol, de José Roberto Torero. Rio de Janeiro: Objetiva.
Copa do Mundo – figurinhas e figurões, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. São Paulo: Nova Alexandria.

► **Leitura de desafio**

Um dos maiores (e mais controversos) dramaturgos brasileiros, Nelson Rodrigues, era um amante

absoluto do futebol, e escreveu inúmeras crônicas sobre o assunto. Idolatrava Pelé, falava de Djalma e Garrincha como figuras míticas, deuses, e dizia coisas polêmicas como: “Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos”. Selecione algumas de suas crônicas sobre o assunto para ler e discutir com a turma. Muitas delas podem ser encontradas no livro *O berro impresso das manchetes*, publicado pela editora Agir.